



www.joaouxiii.com.br

FALA, JOÃO

Jornal do Colégio João XXIII

Fevereiro - 2019

Mostra Cultural dá aula de democracia



Humano, forte, diverso e único desde a sua fundação, o Colégio João XXIII honra a tradição de educar com solidariedade, com responsabilidade, com liberdade de expressão e de pensamento. A Mostra Cultural é um espaço de revelação

destes princípios e, em 2018, exibiu a rica diversidade de 71 projetos pedagógicos, além de acolher manifestações sobre a atual realidade brasileira. Foi uma legítima aula de democracia e pluralidade apresentada para 1,5 mil pessoas.



Gene da liberdade

O DNA do João carrega os genes da liberdade de expressão e de pensamento. Ou seja: em plena ditadura, o Colégio João XXIII nasceu sob o signo da democracia, praticando uma educação laica baseada na ética, na solidariedade, e na responsabilidade, entre outros valores humanistas de uma Escola comunitária e inovadora. E a proposta dos quatro fundadores – Zilah Totta, Frederico Lamachia Filho, Lilia Rodrigues Alves e Leda Freita – está mais atual do que nunca às vésperas dos 55 anos, completados em 2019.

O ano de 2018 termina com a Direção Pedagógica a cargo de um colegiado composto por educadoras comprometidas com a reconexão dos princípios fundamentais da Escola. A mudança ocorreu depois de um profundo processo de debate a respeito do tema, envolvendo toda a comunidade escolar, incluindo pais, estudantes, professores, funcionários, conselheiros, diretores da Fundação Educacional, orientadoras e coordenadoras pedagógicas e a própria Direção Geral.

Diversos documentos, posicionamentos e manifestos foram escritos e debatidos em duas reuniões extraordinárias do Conselho Deliberante,

realizadas em 13 e 22 de novembro. A última delas, resultou no afastamento da diretora e da vice-diretora, com 19 votos a favor, cinco contra e duas abstenções. Em reunião, no dia 11 de dezembro, o Conselho decidiu usar parte do Fundo de Sustentabilidade para cumprir as obrigações trabalhistas resultantes das demissões, assumindo o compromisso com a reposição dos valores utilizados. A partir dos pedidos de afastamento a diretoria da Fundação foi renovada. Assumiram: Ricardo Collar (Diretoria de Obras e Patrimônio), Denilson Oliveira (Diretoria Administrativo-financeira) e Cristina Pozzobon (Diretoria de Comunicação).

Desde o dia 26 de novembro, a Direção do Colégio foi assumida pelas coordenadoras pedagógicas das etapas – Márcia Valiati (Educação Infantil), Ianne Godoy (1º ao 5º ano), Rosa Limongi (6º ao 8º ano) e Mirian Zambonato (9º ano ao Ensino Médio) – em colaboração com o Conselho Técnico Administrativo Pedagógico (CTAP)*. Uma comissão também foi montada para organizar o processo de sucessão na Escola. O ano de 2019 começará com a força do espírito comunitário.



FALA, JOÃO - Jornal do Colégio João XXIII
Edição Novembro - Fechamento 05/02/2019

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Presidente: Laura Maria da C. Eifer Silva
Diretor Financeiro: Denilson Gonçalves de Oliveira
Dir. de Obras e Patrimônio: Ricardo de Almeida Collar
Diretora Jurídica: Aline Carraro Portanova
Diretora de Comunicação: Cristina Pozzobon

EQUIPE TÉCNICA DO JORNAL

Reportagens e Redação: Rosina Duarte
Assessoria de Imprensa e Colaboração: Luana Dalzotto de Castro Alves
Diagramação e Editoração: D. Medeiros
Fotos: Audiovisual João XXIII.
Revisão: Profª. Carmen Lucia Pacheco de Araújo

(*) O CTAP é o órgão responsável pela manutenção do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio João XXIII, sendo constituído por coordenadoras pedagógicas e orientadoras educacionais, uma psicóloga institucional e uma representante dos professores que atuam na Escola há muitos anos. São elas: Denise de Azevedo Simões Lopes, Hildair Garcia Camera (Dadá), Ianne Ely Godoi Vieira, Márcia Elisa Valiati, Maria Fernanda Soledade Hennemann, Mirian Zambonato, Neila Josine Manica, Rosa Elisabeth Leal Berrutti (Rosinha), Rosa Maria Limongi Ely, Silvia Maria Pacheco Hervella e Taís Holosbach Mariani.



Pão, amor e fantasia

A confraternização da comunidade escolar do João, realizada no dia 13 de dezembro, poderia “roubar” o título do filme italiano “Pão, amor e fantasia”, dirigido por Luigi Comencini, nos anos 50. Cada um contribuiu com algo e o “choripan” aconteceu, música, esporte e brincadeiras. Familiares e professores doaram pães; um pai contribuiu com o salsichão; os produtores rurais da Família Cibuski – expositores da Feira Ecológica – com a salada; e a Cantina Zanona com os sucos e as águas saborizadas.

Mas nem só de comes e bebes vive uma festança des-

sas. A música não pode faltar. Por isso, a Banda J23, formada por estudantes do Colégio, foi convocada, assim como a escola de Música Toque Musical e um trio formado pelo pai Jottagá Souza Gomes, pela mãe Caroline Abreu e pelo professor de Música Mateus Zanolla Chaves. A Barca Escola Aberta de Teatro, por sua vez, disponibilizou fantasias e o professor e coordenador Adriano Basegio colocou a gurizada para brincar, enquanto a Atletas realizou atividades esportivas.

Francisco Freitas, pai da Escola e um dos organizadores do evento, observou: “As

famílias precisam estar mais presentes aqui dentro para entender, ajudar e colaborar com a Escola para além do Conselho e da gestão administrativa e financeira”. Para Francis Bordas, pai da Escola, “foi uma iniciativa espetacular para unir as famílias em torno do que realmente é importante para nós, a educação dos nossos filhos”. Por sua vez, o estudante e integrante da Banda J23, Vitor Schmith, considerou importante a interação entre pais, alunos e funcionários, pois “acaba com a hierarquia e todos se tratam como igual”. Até mesmo ex-alunos, como

Claus Ritter – que atualmente estuda Economia em Portugal – marcaram presença no evento. “Espero que todos os alunos aproveitem este espaço como eu aproveitei”, comentou.

O encontro foi uma retomada do esforço coletivo em torno de um objetivo comum. Assim nasceu o João. Tudo era feito em parceria. O terreno para a construção do prédio, por exemplo, foi comprado com doações e até mesmo com a hipoteca da casa de uma das famílias. A história se repete.



Visita guiada à Mostra Cultural

Várias faces do João saudaram os 1,5 mil visitantes na ensolarada manhã do dia 10 de outubro quando aconteceu a Mostra Cultural do Colégio João XXIII. O projeto "Impressões do João – um estudo de campo inspirado em Monet", composto de telas feitas pelos estudantes do 4º ano, retratou diversos ângulos de um recanto do pátio. Paisagens luminosas, árvores sombrias, céus crepusculares, chuvas sobre as folhas informavam os recém chegados que estavam entrando em uma Escola comprometida com o meio ambiente e com todas as formas de arte destinada a educar cidadãos conscientes, críti-

cos e sensíveis. Nas próximas páginas, você participará de uma visita guiada ao labirinto de projetos pedagógicos da Mostra. Acompanhe.

Na maioria das casas, as visitas são recebidas na sala. E toda a sala tem um sofá. Não foi diferente na Mostra, embora o sofá fosse instalado ao ar livre, lá estava ele, convidando os recém chegados a assistirem as peripécias da última "Gincana Solidária – Tessitura coletiva", realizada pelas turmas do 1º ao 5º. E logo começaria a prosa entre os convidados e os "donos" da casa, mais especificamente os autores dos 71 projetos dispostos ao longo do pátio,

das salas, da Biblioteca e do Refeitório.

"Sério" ou "Gentil", "Não me toque". Não se assuste com o começo do diálogo aparentemente hostil. Esta frase, na verdade, representa um trio de cidades gaúchas mencionadas no curioso "Mapa Interativo do Rio Grande do Sul" elaborado pelo 4º ano. Engana-se quem pensa serem esses os únicos nomes engraçados da lista. Tem Travesseiro, Anta Gorda, Tio Hugo, Mato Castelhana, Bossoroca, Chuvisca, Arroio dos Ratos e muito mais. E a gurizada do 4º foi ainda mais longe, viajando em balões ou em geringonças inventadas e desenhadas por eles no projeto "My made-up Transport". Aliás,



não faltaram “roteiros turísticos” na Mostra. O 5º ano, por exemplo, desenvolveu uma “Proposta para uma trilha ecológica e divertida na Escola”, na Prática Pedagógica Ideias e Invenções, além do “Virtual Museum Tour”, ambos apresentados na Sala da Música.

O 4º ano também brindou os recém chegados com um presente: “Você se lixa para o lixo? Uma reflexão que é um presente para o futuro”. Na mesma linha de reaproveitar para preservar, os “Jogos pelo Planeta”, feitos com materiais reciclados pelas turmas do 9º ano foram disponibilizados no dia da Mostra para depois serem doados à Educação Infantil, ao 1º e ao 2º ano. Na Quadra Verde, o Joãozinho Legal igualmente exibiu sua “Estação: Jogos gigantes e Oficina de brinquedos”.

Ainda na área ecológica, inúmeros projetos se destacaram como: “Um Planeta que é notícia” (5º ano), “Exposição de fotos da natureza” (1ª série do Ensino Médio), Expoplaneta (6º ano) e “Uma ação capaz de mudar o nosso entorno” – proposta apresentadas na lateral do Ginásio, pelas turmas B, D, F e H do 3º ano. Isso sem falar no tema central do “Dez a Dez”, exposto no pátio central (veja matéria nesta edição).

A gurizada não esqueceu de informar que uma vida equilibrada com o meio ambiente envolve nutrição saudável. Por isso, o 9º ano estava lá apresentando receitas e realizando testes de composição química dos alimentos. Assim, todos puderam degustar a Mostra conforme o nome deste projeto: “De bem com a Vida”.

“A Mostra Cultural é a celebração de aprendizagens correlacionadas com a natureza do desenvolvimento de nossos estudantes e com o currículo inovador do Colégio João XXIII. É resultado de um trabalho pedagógico organizado para favorecer a construção do conhecimento de modo abrangente, complexo e contextualizado. Muito orgulho da equipe pedagógica, dos professores e dos estudantes de nossa Escola que fazem a diferença no cenário educacional de nosso país”.

Mirian Zambonato

Coordenadora Pedagógica 9º ano
e Ensino Médio e Supervisora
Pedagógica Geral



Recado dos jovens



Frutos de uma educação libertadora preconizada desde a fundação da Escola, os jovens deram seu corajoso recado, manifestando-se contra a censura, o machismo, o racismo, a homofobia, e outros tantos tipos de preconceitos, compondo uma tessitura reflexiva de diferentes pontos de vista.

Em silêncio. Dessa ma-

neira, cerca de 40 estudantes do 9º ano e do Ensino Médio cruzaram a multidão de visitantes da Mostra Cultural, portando uma mensagem muda, mas contundente. Entretanto, os manifestantes não se contentaram só em agir. Eles também soltaram a palavra ao final do ato, recitando textos e poesias de Torquato Neto e Ferreira

Gullar, entre outros.

Um imenso painel instalado junto à Biblioteca também amplificou o pensamento dos estudantes da Escola com relação ao respeito à liberdade dos educadores. "Agradecimento aos professores do João XXIII que lutam pela nossa educação – Deixe seu recado para 'xs' profs. Espalhe seu amor. Estamos com

vocês", escreveram os manifestantes no cabeçalho. E, ao longo da manhã, o papel pardo foi sendo preenchido por frases autorais ou emprestadas de grandes pensadores até quase não sobrar espaço para novas mensagens. "Nós percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciados" (Maalala Yousafzai), "Educação não se



negocia”, “Escola sem pensamento crítico não é escola”, “Ninguém mais é capaz de calar”, foram algumas das mensagens deixadas.

Os estudantes do 8º ano também propuseram uma reflexão singular ao colocar em cena dezenas de calçados femininos alinhados junto a cruzes no centro do pátio do Colégio. A performance en-

cenada pelos jovens denunciou o feminicídio, a violência e a discriminação praticada contra as mulheres com representações impactantes. Às imagens fortes, somou-se a mensagem expressa no próprio nome do trabalho: “Ficam os sapatos para não esquecer delas”.





Números e bolhas de sabão

Quantos anos você tem? Esta pergunta pode parecer inoportuna para pessoas vaidosas e não muito jovens. Mas o 9º ano não se intimidou com o preconceito e provocou os visitantes: “Vamos adivinhar sua idade. Duvida?” Por meio de um complexo sistema de jogos dedutivos o mistério era logo desvendado para quem aceitava participar do desafio, na Alameda das Árvores. Logo adiante, o 9º ano também exibiu representações do “Teorema de Pitágoras” e de “Criptogramas” e, no pátio central, expôs os scrapbooks “Geometrizando o cotidiano através do olhar artístico”. O 5º ano contribuiu com o tema por meio dos “Enigmas da Lógica” e dos “Jogos Boole” e o 8º com o projeto “Matemática nas ruas do Mundo”. Um dos inspiradores de alguns desses projetos foi o matemático Alan Turing, biografado no filme “Jogo da Imitação”.

Migrando do lógico ao etéreo, a mesma Alameda das Árvores ganhou um clima de sonho com as iridescentes “Bolhas de sabão” produzidas pelas turmas de 9º ano, 1ª e 2ª série do EM. Embora aparentemente tão

distintos, porém, números e bolhas têm em comum o princípio científico, também representado em projetos como o “Clube de química: Plástico de leite – Galalite” (9º ano, 1ª e 2ª série) e “Viagem ao centro da célula: uma análise comparativa dos diferentes tipos celulares” desenvolvido pela 1ª série EM. Moldadas com materiais variados, as células expostas mais pareciam esculturas. Algumas lembravam plantas carnívoras, outras, cactos do deserto. E havia também as de aspecto cósmico, parentes dos planetas, das estrelas e dos asteróides. No conjunto, deixavam a sensação de que o corpo é um universo e que cada um de nós tem um mundo inteiro dentro de si.





Trilha sonora da Mostra teve cantigas e rapsódia

O lendário cantor, pianista e compositor Freddie Mercury – nome artístico de Farrokh Bulsara, vocalista do grupo britânico Queen – fez-se presente na Mostra Cultural do Colégio João XXIII. Por meio de sua música, é claro. Falecido em 1991, recentemente voltou à cena com o lançamento de um filme biográfico que teve o tema, “Boêmia Rapsódia”, cantado pelo 8º ano, no pátio central, durante a Mostra Cultural.

A trilha sonora do evento contou, também, com a apresentação musical “Tantas

vidas”, interpretada pelo 6º ano durante a abertura, sob orientação das professoras Ana Maestri e Inês Pinheiro. E as vozes das crianças foram ouvidas, ainda, entoando as “Cantigas de todos os tempos... Do meu, do seu, do nosso!”, que rendeu o ilustrado “Caderno de Cantigas”, projeto interdisciplinar do 1º ano. O trabalho partiu das cantigas que atravessam gerações para apoiar o processo de alfabetização, promovendo brincadeiras cênicas, dramatizando e “vivendo” canções.



Com a palavra, os estudantes

A palavra grita, sussurra, denuncia, chora, chama, aproxima, esclarece, ilumina. Por isso, é preciosa. Por isso, é pedagógica. Por isso, é expressa de variadas formas no Colégio João XXIII. As publicações compuseram uma pequena feira literária inserida e diluída na Mostra Cultural. Projetos como

“Mogli – menino lobo” (6º ano), “Mitos animados (6º ano), “Pictionary from A to Z (1º ano) e, é claro, a “XVI Mostra de Curtas – Uma escola de cinema” – com produções baseadas em contos da Literatura – igualmente gravitaram em torno do tema. Confira alguns dos livros e escritos dos estudantes:

Voz Humana

“Sonhar é um ato político”, anunciava o projeto “Celebração da voz humana: um encontro literário”, desenvolvido nas aulas de Redação do 9º ano do EF e 2ª série do EM e nas de Espanhol da 1ª e 2ª série do EM. Exposto na frente do Grêmio Estudantil, as frases, os textos e as imagens traduziam uma linguagem de arte nas ruas, com influência do pixo e do grafite. “É a palavra poética como

intervenção no espaço urbano, ou seja: a reescrita de frases com teor crítico, com engajamento e com caráter social”, explicou a professora de Redação do 9º ano, Josiele Medeiros. Temas instigantes como homossexualidade e preconceitos foram abordados pelos autores do trabalho, que entre dezenas de frases selecionadas, destacaram: “Corajosos são aqueles que sentem medo e enfrentam”.

“O que significa para nós, a Feira do Livro de Porto Alegre, a Mostra Cultural? Todos os dias vivemos intensamente experiências de aprendizagem que traduzem nosso cotidiano, nossos princípios e nossa proposta pedagógica, que é construtivista e sóciointeracionista. O que acontece, então, nos dias de Mostra e Feira? O nosso trabalho encontra um OUTRO. Um interlocutor, um ouvinte, um olhar, uma expressão, um sentimento, uma pulsão de vida traduzida na arte do encontro. Sim, construímos conhecimento. Mas sempre para compartilhar, para criar espaços potenciais de interlocução. E assim, nosso cotidiano encontra frestas, janelas e portas para revelar a uma comunidade todo o nosso fazer sensível, intenso e carregado de sentido”.

Ianne Godoi Vieira

Coordenadora Pedagógica da
Etapa 1º ao 5º ano do EF



Cordel e Poemundo

Os escritores do 2º e 5º ano decidiram cruzar os portões do Colégio João XXIII e conquistar espaço em um dos mais significativos eventos culturais da capital. Entre 620 sessões de autógrafos da 64ª Feira do Livro de Porto Alegre – frequentada por 1,2 milhão de pessoas, em 18 dias de eventos – lá estavam os estudantes do João. Enquanto os 86 autores do 2º ano autografavam a publicação coletiva “Poemundo 2 – O mundo poético do 2º ano” no Teatro Carlos Urbim, os 88 escritores do 5º ano apresentaram os cordéis, no auditório do Memorial do Rio Grande do Sul.

O “Poemundo” deu sequência à coletânea de poesias lançadas na edição anterior da Feira do Livro da cidade e envolveu as professoras regentes Andréia Laurino, Mariza Willrich, Silvana Meirelles, Maristela Sebrão, a professora de arte Clarisse Normann e a equipe do Laboratórios de Tecnologias Daiana Borges e Sílvia Marcon. Clarice também participou dos cordéis do 5º ano, que retrataram a cultura popular por meio de um trabalho interdisciplinar articulado pelas professoras Rosane Rodriguez, de Língua Portuguesa, e Thais Meditsch, de História. Pedagógicamente, ambos os trabalhos contribuem para a valorização cultural, o desenvolvimento da oralidade e a construção de aspectos linguísticos essenciais desta etapa escolar.



Poetas vivos

A poesia está viva no João. Mas não tem rosto nem nome. Assim preferem os autores da “Sociedade dos poetas vivos – Mãos e mentes criativas na produção poética”, desenvolvida junto ao 9º ano e Ensino Médio pelo professor Ibirá Costa há vários anos. Em 2018 a palavra desta sociedade anônima ganhou um tratamento artístico, formando uma espécie de abre-alas aos visitantes logo na entrada da Escola. Mesmo sem ser escrito, o recado dos escritores era claro: o importante não é quem, mas o que se escreve. Abaixo, dois exemplos dos poemas anti-autorais:



Nunca esqueçamos:
Que o passado existe
E nos serve de experiência,
Que o futuro existe,
E nos serve de esperança
E o presente existe,
De relutância

e agora?

marielle morta
ditadura volta
militar na
rua
glorificando
Ustra
pobre torturado
intelectual
exilado
que sobra
nesse
Brasil?
gente pobre
mente falha
sem empatia
nem amor
uma sobra
também
que quer lutar
a gente não pode
desistir
ninguém
solta a
mão





Dez a dez constrói ponte entre ciência e causas sociais



O projeto “Dez a Dez de 2018 - Ciência para a Redução das Desigualdades” teve lugar de honra na Mostra Cultural, com apresentação oral das pesquisas realizadas ao longo do processo. O trabalho propôs um aprofundado estudo sobre os aspectos socioambientais do poluído Arroio Dilúvio, mas encerrou em águas límpidas. “Como uma das atividades de integração e culminância da edição do Dez a Dez, vivemos uma experiência no Parque das Laranjeiras, localizado no município de Três Coroas, às margens do Rio Paranhana no dia 23 de outubro. A proposta foi vivenciar desafios coletivamente, fortalecendo os laços de amizade e o alcance de objetivos comuns”, relatou a Coordenadora Pedagógica 9º ano e Ensino Médio e Supervisora Pedagógica Geral, Miriam Zambonato. Neste cenário de vales e natureza preservada, os estudantes

se aventuraram no rafting e na tirolesa, sob os cuidados da empresa Exxtreme.4 Rafting&Expedições, juntamente com professores e equipe técnica.

A submersão na realidade do Arroio Dilúvio ocorreu por meio da pesquisa, capaz de construir uma ponte entre a ciência/tecnologia e as causas sociais. Em outras palavras, o projeto deixou de ter parentesco com uma gincana educativa e ganhou caráter de projeto científico.

Realizado anualmente, o Dez a Dez envolve os alunos da 2ª série do Ensino Médio. Integração, trabalho em equipe e resolução de problemas fazem parte da proposta do Dez a Dez. Nesta edição, os organizadores buscaram inspiração na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) – ocorrida em outubro – que propôs o tema “Ciência para a Redução das Desigualdades”. Assim, os estudan-

As várias faces de um arroio

Embora gravitem em torno de um assunto central, o tema do Dez a Dez foi subdividido nas seguintes abordagens:

- A (in)visibilidade de um arroio
- Alternativas de despoluição de baixo custo para rios e canais – basicamente o Arroio Dilúvio – através dos exemplos do Canal Paco, nas Filipinas e do Canal Cheonggyecheo, na Coreia do Sul
- Arroio Dilúvio: histórico do local e processo de urbanização
- Arroio e Cidadania: as histórias (não) contadas dos moradores do Dilúvio
- Contra a gentrificação: uma proposta de inclusão da população de baixa renda em regiões valorizadas nas proximidades do Arroio Dilúvio, Porto Alegre
- Desenvolvimento Sustentável: cisternas 3.0
- Educação Ambiental: a necessidade de transformação
- O impacto do descarte incorreto de fármacos no Arroio Dilúvio
- O impacto do Arroio Dilúvio na comunidade portoalegrense
- Processos históricos e biodiversidade da bacia hidrográfica do Arroio Dilúvio.

tes foram preparados para desenvolver trabalhos científicos com finalidade de buscar estratégias aplicáveis no cotidiano e promover intervenções sociais.

A largada do projeto foi dada com a palestra do professor de Química da Universidade de Brasília Brenno Amaro da Silveira em 20 de abril; quatro dias depois, os estudantes, professores e coordenação pedagógica participaram de uma saída de campo ao Sítio do Mato, no bairro Belém Velho, onde assistiram vídeos e ouviram a palestra do professor César Matos, de Biologia. Na sequência, em 30 de abril, participaram de uma aula especial sobre ao tema com o professor de Física Jeferson



Barp e a professora de Química Paula Poli. Além dessas duas linhas de orientação, os participantes contaram com um tutorial elaborado pelos professores da Escola e disponível no João 24 horas.

Ilustre desconhecido da maioria dos adolescentes – apesar de atravessar a cidade – o Arroio Dilúvio foi foco de desafios de caráter transdisciplinar com interação entre os participantes por meio de equipes que mesclaram alunos de várias turmas, conforme explicou a coordenadora pedagógica. Assim, os participantes se tornaram protagonista, desenvolvendo a sua cidadania.

Em maio os grupos iniciaram as pesquisas de investigação, saindo a campo atrás de informações para comprovar suas hipóteses. Os jovens se empenharam em conhecer a realidade e montar propostas capazes de fazer a diferença.



Histórias (não) contadas dos moradores do Dilúvio

Dez grupos desenvolveram pesquisas de cunho científico com abordagem socioambiental no Dez a Dez que foram apresentados durante a Mostra Cultural. Um destes grupos da 2ª série do EM, realizou o trabalho “Arroio e Cidadania: as histórias (não) contadas dos moradores do Dilúvio”, descrito abaixo por seus autores: estudantes Eduarda Campos Verardi, João Vítor Araújo de Gonçalves, Leonardo Moll Collar, Marceli Fernandes da Rocha, Mariana Martins Barcellos, Tatiana Gobbato Lahm, Verônica Scarpin e Vicenzo Franco, e professora Helena César)

“A Ciência para a Redução das Desigualdades intitula um projeto de iniciação científica desenvolvido por alunos do Ensino Médio do Colégio João XXIII, de Porto Alegre. No corrente ano, tal projeto se debruça sobre as diversas questões circunscritas à região do Arroio Dilúvio, curso d’água localizado junto a uma das principais avenidas da cidade. Nosso grupo de pesquisa, enquanto parte do referido projeto, decidiu se concentrar nos aspectos sociais relativos a este espaço geográfico. As leituras de reportagens de jornais tiveram papel importante nos passos iniciais, pois nos deram uma dimensão mais precisa das histórias contadas e não contadas sobre este lugar.

O impacto causado por essas leituras e, principalmente, a invisibilidade legada aos moradores de rua enquanto cidadãos, nos grandes veículos de comunicação, levaram-nos ao questionamento central: “Quem são os moradores do Arroio Dilúvio?” O principal objetivo a ser alcançado

tornou-se conhecer algumas histórias de vida e relação com o ambiente em que vivem moradores em situação de rua que por ali orbitam. Por meio desta mesma questão, pretendemos confrontar outros habitantes que circulam pela região, a fim de desconstruir (pré) conceitos populares difundidos sobre esse grupo social.

As principais hipóteses são de que as pessoas em situação de rua trazem em sua bagagem diversas vivências e saberes que são desconhecidos por outros grupos sociais, que, por sua vez, atribuem-lhes apenas experiências relacionadas à violência e à miséria. Para trilhar este percurso, utilizamos metodologias de natureza qualitativa, tendo a entrevista como principal meio gerador dos dados a serem cotejados. Tais entrevistas (estruturadas – presencial e online) têm dois grupos sociais como sujeitos de pesquisa: 1. As pessoas que contam suas histórias no Jornal Boca de Rua, periódico escrito por moradores de rua; e 2. Um grupo formado por outras pessoas que circulam nos bairros adjacentes ao Arroio Dilúvio.

A pesquisa teve a fase da coleta de dados e, em um segundo passo, foi feita a análise das entrevistas à luz dos nossos referenciais teóricos, advindos da Ciências Sociais, Biologia e Psicologia Social (monografias, dissertações e artigos científicos sobre o arroio e sobre a problemática das pessoas em situação de rua), além de outras fontes bibliográficas previamente estudadas como sites, blogs que contam histórias do Arroio Dilúvio e seu papel no imaginário porto-alegrense”.

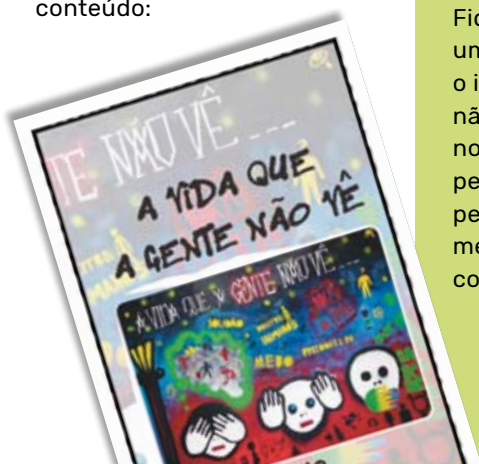
Vidas invisíveis

Nem só a vida microscópica é invisível. A sociedade deixa de enxergar muitas vidas, em especial a das pessoas pobres. O livro “A Vida que a gente não vê”, escrito em 1ª pessoa pelos alunos do 8º ano e autografado durante a Mostra Cultural revela a existência dos moradores de rua, a partir de textos coletivos fictícios baseados em histórias reais.

O projeto multidisciplinar teve como ponto de partida o documentário “Crianças invisíveis”, que mostra a vida de meninos e meninas em situação de extrema pobreza em diversos pontos do mundo. Os estudantes também assistiram ao documentário “Boca de Rua – Vozes de uma gente invisível” e, mais tarde, receberam os próprios integrantes do jornal (leia a matéria “Vidas cruzadas”, ao lado).

A partir dessas reflexões e encontros, foram produzidos os textos, sob a coordenação dos professores Gabriela Cristofolli (Língua Portuguesa), Heloisa Barboza (Matemática), Mariana Ramos (História), Roger Santos (Geografia), Neyla Manica (Ciências), Maiara Viagas e Matheus Moura (Língua Inglesa), Cláudia Lottermann e Marisa Borges (Arte).

Na contracapa da coletânea, uma pequena amostra do conteúdo:



“Todos os dias nós íamos para o nosso muro de manhã cedinho, porque à tarde ele tinha que trabalhar. Grafitávamos nossa cidade dos sonhos, pois Porto Alegre não é lá um bom lugar para crianças que vivem na rua. É cinza e a maioria das pessoas age como se não nos visse, acho que é mais fácil fingir que não existimos”.

Alice na cidade dos sonhos, por Helena, Isabella e Miguel – 8E

“Apesar de ter acordado àquela hora, já me sentia exausta por imaginar a que esse dia levaria. Levantei-me apoiando as mãos no chão fazendo força para me manter estável. Dei voltas pelo centro movimentado da cidade. Minutos pareceram horas, fui recebida por olhares tortos e outras vezes nem fui olhada, sentindo-me uma pessoa invisível. Minhas pernas estavam bambas de tanto procurar por comida”.

A coberta, por Buna, Clara e Livia – 8C

“Desde aquele dia, procurei diversos abrigos para passar o tempo e um dia achei a Aldeia Zumbi dos Palmares, que era uma ocupação formada apenas por moradores de rua. Eles eram pacíficos e lutavam por seus direitos. Fiquei naquele lugar por um bom tempo, não era o ideal, mas, pelo menos, não passava mais dias e noites na calçada feita de pedra, fria e suja, vendo pessoas caminhando ao meu lado e me ignorando, como se eu não existisse”.

Uma nova chance, por Luiza Mädke, Marcela e Sofia – 8ª



Vidas cruzadas

Os estudantes do Colégio João XXIII cruzaram suas vidas com a dos moradores de rua quando receberam a visita de integrantes do Jornal Boca de Rua – único do mundo feito, vendido e gerido pelo povo da rua no mundo, sob coordenação da Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (ALICE). A presença de Aline Gonçalves Leal, Cristian Conceição Ferraz e Márcia Gonçalves Machado aconteceu em dois momentos. Em outubro eles compareceram à Escola acompanhados pela bibliotecária, mestrandia em antropologia social e apoiadora do Boca Caroline Sarmiento para colaborar com dois projetos distintos: “A vida que a gente não vê”, do 8º ano do EF, e “Dez a dez” (leia matéria nesta edição). Já, no mês de novembro, estiveram presentes na Mostra Cultural, onde autografaram com os estudantes-escretores.

Na primeira visita, os jornalistas do Boca foram recepcionados no portão da escola pela professora Helena Cesar e três estudantes do EM que, na ocasião, desenvolviam pesquisas científicas para o “Dez a Dez”. Todos almoçaram juntos na cantina e, depois de um pequeno tour pelo Colégio, o quarteto do Boca seguiu para o auditório, onde conversou com o 8º ano. Além de escutar, a gurizada perguntou muito e o encontro acabou se transformando em uma animada conversa com momentos tristes, mas também divertidos. Ao final, Cristian aconselhou: “Estudem muito e aproveitem esse colégio. Nunca vi uma Escola mais bonita do que essa”.

Na ocasião, os palestrantes foram convidados a participar da Mostra Cultural e, no dia 10 de novembro, lá estavam eles revendo os novos amigos.



“Trazer o mundo lá de fora para dentro da escola é pensar e viver a cidadania, refletindo e ouvindo e se solidarizando com o outro em suas manifestações socioculturais”

**Rosa Maria
Limongi Ely**

Coordenadora
Pedagógica do 6º, 7º
e 8º ano do Ensino
Fundamental.

O que pode um corpo ao cruzar a brumosa fronteira entre a infância e a adolescência? O que pode um corpo e uma mente açoiados pelo vendaval das transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais? Podem dançar, cantar, pintar, escrever, protestar, falar, ouvir, emocionar-se, solidarizar-se, fazer poesia, beber o mundo em tragos largos ou pequenos goles. “Tornam-se capazes de ver, avaliar os fatos pelo ponto de vista do outro, exercendo a capacidades de descentração e empatia importantes na construção da autonomia e na aquisição de valores morais e éticos”, anunciaram os professores envolvidos no projeto “O que pode um corpo”, desdobrado em diversos subprojetos reunindo todos os componentes curriculares do 7º ano do EF. No dia da Mostra Cultural, sob o Gazebo, os alunos e seus educadores provaram isso por meio de um espetáculo e apresentando à Escola o slammer Bruno Negrão, vencedor da 14ª edição do Slam Poetry do Rio Grande do Sul.

A eclética apresentação casou movimento, música, poesia, senso crítico e coletividade, seduzindo a platéia. Emocionado, Bruno comemora

a troca da sua experiência de periferia com a dos estudantes do João, agradecendo os educadores com um trecho de poesia: “Não suporto ver avenida/ Com nome de ditador/A rua é uma escola/ Pra mim, todas/ Deveriam ter o nome/ De algum professor”.

Também os estudantes fizeram seus slams, estes entrelaçados com músicas dos anos 80 pesquisadas e selecionadas pelos grupos. Eles também redigiram e leram manifestos produzidos a partir do encontro com o po-

eta, de leituras – como o livro “A vida que ninguém vê”, da jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum – e da pesquisa de uma playlist de hip-hop. O livro de Eliane norteou, ainda, o trabalho “A tua vida em meu olhar”.

Este exercício de empatia também pautou o trabalho “O que contribui para o seu sucesso?”, espécie de levantamento dos preconceitos e seus impactos no mercado de trabalho. Por meio da análise de reportagens, os estudantes construíram um infográ-

fico com dados estatísticos sobre o tema.

O grupo de professores integrado por Raquel Luz, Luciano Stropper, Patrícia Carvalho, Roger Santos, Neyla Manica, Luciana Pacheco, Marisa Borges, Cláudia Lottermann, Fabiana Lisboa, Marcelo Pereira, Mateus Chaves, Matheus Moura, Maiara Viegas e Daniela Dutra leu um texto coletivo sobre o trabalho durante a Mostra. Em um trecho, resumiram: “Assim, por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes, valores culturais, morais e éticos tão bem descritos nos princípios filosóficos da proposta da nossa Escola, que objetiva o desenvolvimento do estudante em sua complexidade e totalidade para que busque a realização individual, sem deixar de assumir a sua tarefa de agente transformador. João XXIII: forte, diverso único e, sobretudo, humano”.





“A Mostra Cultural proporciona um testemunho vivo das potencialidades da primeira infância, abrindo possibilidades de se enxergar as capacidades das crianças e a pedagogia dessa fase de uma maneira rica, complexa, criativa, multidimensional e vibrante – as crianças e os educadores como co-constructores de conhecimentos, afetos, identidades, valores e cultura. A Mostra, assim como a própria experiência da infância, congrega ciência e imaginação, realidade e fantasia.”

Márcia Valiati

*Coordenadora pedagógica da
Educação Infantil*

No mundo das crianças as pedras podem voar

Tudo parece possível nos primeiros anos de um ser humano, quando o sonho e a realidade andam de mãos dadas. Uma pedra pode voar? Para as crianças da Educação Infantil, sim. Natural para as crianças do NJ, portanto, fazer abelhas com pedrinhas e muitos outros materiais, no projeto “Ressignificando o meliponário: espaço de aprendizagens, brincadeira e cuidado”. Já no “Cantinho da bicharada: espaço de afeto, aprendizagem e múltiplas experiências”, a turma do MH reinventou cada um dos animais com inusitados componentes, incluindo porquinhos da índia de marabu. A guri-

zada do MF chegou a construir um formigueiro subterrâneo – mas não tanto, para os visitantes poderem apreciá-lo – no projeto “Escola das formigas”.

Resultado: o cenário arrancava exclamações de surpresa e de encantamento de quem passava pela alameda fronteira à Biblioteca. Mas as invenções da Infantil não se detiveram ali. As salas 305 e 306, por exemplo, viraram uma espécie de reino encantado, abrigando os “Detetives investigadores: pesquisas, descobertas, criações e brincadeiras” da NB, os mistérios do “Corpo Humano”, desvendados pelos meninos e meninas

do ND, as micro descobertas do NF por meio do projeto “Observando o mundo através do microscópio” e, ainda, pelas “Ideias Magníficas” do NH.

Os pequenos foram além, ao mergulharem no fundo do mar por meio do projeto “Pequenos e grandes animais marinhos: brincando e descobrindo o oceano”, do MD, instalado no Refeitório. Vizinhando com as baleias, com os polvos e com os peixes peculiares, lá estava o MB com seus “Monstros: brincadeiras, Invenções e criações das crianças”. Com tantos bichos presentes, não poderia faltar o “Consultório veterinário: um cenário afetivo de relações, de brincadeiras, de investigações e de descobertas” – também obra do MB – para, se necessário, atender a todos esses seres saídos diretamente da imaginação infantil para a Mostra Cultural. Em meio à explosão de criatividade, os nenês deram seu recado por meio das “Narrativas no cotidiano na Classe-Bebê: experiências de vida na escola da infância”.



As lembranças da infância transitam pelas brumas da memória, na quais fatos, atos, fantasias e impressões se fundem e se confundem. Se os primeiros anos da criança não forem registrados pelos adultos, grande parte da história do indivíduo se perde. No caso da trajetória escolar, o hiato pode ser ainda maior, pois os pais não estão presentes o tempo todo nessa rotina. No Colégio João XXIII, porém, existe um poderoso antídoto contra essa “amnésia” natural: os Arquivos Biográficos elaborados pela Educação Infantil.

“Ao longo de nossa trajetória como educadores, percebemos que nosso grande desafio e a base sobre a qual deveríamos estruturar nossa abordagem educativa para primeira infância seria observar, conhecer e entender as crianças como seres únicos, que sentem e pensam o mundo de um jeito próprio, que tem muito desejo de viver e de aprender, aliados a uma grande capacidade de se comunicar, de investigar e buscar compreender as coisas da vida”, descrevem as educadoras da etapa no documento que explica a prática pedagógica “Arquivos Biográficos: Escuta, Visibilidade e Memória das Aprendizagens”.

Verdadeiras peças de arte, os arquivos são álbuns artesanais montados individualmente, ou seja: cada criança tem o seu e participa com a educadora, da confecção, escolhendo os temas, os trabalhos feitos por ele ou ela, as fotos, frases e palavras usadas nas descrições. A participação ativa da gurizada, porém, não torna a tarefa das educadoras menos meticulosa.

“É preciso buscar compreender as crianças: escutá-las, observá-las em suas formas próprias de ser e interagir,

Arquivos biográficos registram a vida escolar das crianças

especialmente por meio das brincadeiras e das múltiplas linguagens da infância. Estar disponíveis e atentas ao modo como se relacionam entre si e com os adultos, como lidam com seus medos e suas angústias, como se dão as suas experimentações e descobertas, procurando interpretar, não somente os caminhos que percorrem, como também as estratégias que utilizam para aprender e se relacionar com o mundo” explica a coordenadora pedagógica da Educação Infantil, Márcia Valiati.

Na Educação Infantil, portanto, a criança é, com suas singularidade e diferenças, um sujeito produtor de cul-

tura, competente na aprendizagem, na comunicação e na socialização. Desde bebês, procuram atribuir significados que deem sentido às experiências vividas. “Neste processo, seus olhares atentos e curiosos buscam nossa solidariedade, nosso apoio e estímulo. Sobretudo, buscam nossa ‘escuta’. Escuta que se traduz na oportunidade de dar vez e voz aos direitos, às ideias, à lógica, às múltiplas linguagens e potencialidades infantis”, diz a proposta dos educadores da Etapa.

Trata-se, portanto, de uma escuta que legitima as crianças enquanto seres pensantes e criativos, capazes de se tornarem cada vez mais

competentes para lidar com as coisas do mundo. Neste contexto, a Escola ocupa um lugar de relações e de aprendizagem. Assim, por meio da documentação, o Colégio informa e garante a memória a respeito dos percursos individuais de desenvolvimento e aprendizagem. O arquivo biográfico oferece uma narrativa que oportuniza re-visitarexperiências e acontecimentos que marcaram histórias de vida. É um presente e um legado a cada criança e suas famílias.

Um presente, aliás, construído com o maior esmero. Concentrada em montar – com a professora Renata Martellet – o seu portfólio, Helena Martins Silveira, 5 anos, manifestou um dilema: “Profe, eu não sei se vou conseguir ser feliz sempre, porque, às vezes, alguém pode fazer alguma coisa que a gente não gosta e então a gente fica com raiva no coração”. “E como se resolve isso? indagou a professora. A menina pensou, pensou e replicou: “A gente, explica, e conversa... e resolve... e tudo fica bem”. Helena também teve o cuidado de “proteger” a sua vida escolar descrita na biografia pedagógica com a foto de uma carranca do São Francisco trazida pela avó em uma de suas viagens.





Um pé lá, outro cá

Os educadores e estudantes põem um pé lá e outro cá sem perder o ritmo pedagógico nem tropeçar em contradições. Desenvolvem visão empática ou intimista e, na maioria das vezes, mesclam as duas, produzindo reflexão e ampliando horizontes. O “trivial” do João, portanto, não é nada trivial. Projetos especialíssimos são parte da rotina de uma Escola criativa que foge ao convencional e desacomoda as verdades prontas. Por outro lado, também exercitam o lúdico em seu estado puro, a pesquisa, os idiomas e as mais diversas abordagens e nuances dentro e fora da área escolar.

O preconceito e a ética – dois temas essenciais em uma educação humanista –, por exemplo, foram focos de diversos projetos, entre eles “Preconceito e discriminação”, e “Netiqueta e segurança online” desenvolvidos pelo 5º ano, nas Práticas Pedagógicas Complementares Identidade Cidadã e Cibercultura e Ética

Digital, respectivamente. O preconceito também surgiu de forma transversal, mas inevitável, na exposição “África: pessoas, festividades, cultura e tradição” – ainda elaborado pelo 5º ano – embora o foco tenha sido a cultura e a contribuição dos povos africanos à formação do brasileiro (veja matéria sobre o tema nesta mesma edição). A outra face da moeda desta visão empática surgiu nos intimistas “Autorretratos” do 7º ano, dispostos no Pátio Central.

Com um olho no País e outro lá fora, os estudantes produziram diversos trabalhos na Língua Inglesa, incluindo o registro de uma jornada na Escola por meio do “Stopmotion – Um dia no João”, do 6º ano. Mas também incursionaram no “A Day full of emotions: How Are Day Feeling?” (3º ano). Isso tudo aconteceu, “com a revelação no olhar, no jeito de cada criança, de muitas das suas aprendizagens”, conforme a coordenadora da etapa, Ianne Ely Godoi Vieira.



Nem sempre as máscaras encobrem. Às vezes elas revelam. Foi o caso das máscaras africanas construídas pelos estudantes do João, junto com a professora de arte Clarisse Normann, que mostraram uma face importante da cultura daquele continente. Elas fizeram parte da exposição “Consciência Negra: ontem, hoje e sempre”, do 5º ano do Ensino Fundamental.

A mostra – que também reuniu textos sobre personalidades negras do Brasil e do mundo – integrou a programação do Dia da Consciência Negra. Data nacionalmente reconhecida desde 2003. “O dia 20 de novembro

faz o nosso João pulsar porque simboliza uma escolha que revela um posicionamento da Escola”, salienta a coordenadora pedagógica da etapa de 1º ao 5º ano, Ianne Ely Godoi Vieira.

Na manhã de 21 de novembro, a professora Thaís Meditsh organizou, ainda, uma reflexão sobre a data. Para conversar com as crianças, foram convidadas Domingas Mendes, migrante guineense e habitante de Porto Alegre há mais de cinco anos; Fabiana Souza, contadora de histórias do Colégio; e Beto Silva, neto de mãe de santo e descendente de africanos. “A atividade,





Máscaras revelam face da Consciência Negra

que também é fruto da caminhada histórica e geográfica realizada durante este ano com os estudantes, foi muito emocionante e complementou nossos estudos sobre o negro no Brasil e no mundo”, interpreta Thaís.

Por meio de fotos e vídeo, por exemplo, Domingas contribuiu para a desmistificação de vários estereótipos sobre o tema. “É importante saber mais sobre a África,

porque muito se ouve e pouco se sabe. Aqui nesta Escola é diferente. Percebo que as crianças estão bem informadas, fruto do trabalho anterior feito em sala de aula”, observou.

Já Fabiana, fez questão de contar “A verdadeira história do Saci Pererê”, um conto da atriz e cantora pernambucana Monique Rocha, enquanto Beto realizou a sonoplastia da história. “A contação, além de

ser uma forma de resistência, preserva a história dos povos africanos e indígenas que até pouco tempo era transmitida apenas por meio de oralidade. Na minha época de estudante não se falava no Príncipe Custódio, no Zumbi dos Palmares, na Dandara e nos Lanceiros Negros. Isso era repassado por meio da arte”, explica ela.

Para Beto (companheiro de Fabiana), marcar o 20

de novembro como o Dia da Consciência Negra é uma forma de preservar a história do negro no Brasil e no Rio Grande do Sul. “Foi em Porto Alegre, com o poeta Oliveira Silveira, que a discussão sobre os dias 13 de maio e 20 de novembro começou. A assinatura da lei Áurea, no dia 13 de maio de 1888, não deu condições para a população negra se manter e a maioria ficou à margem. O dia da execução de Zumbi dos Palmares (20 de novembro), o principal representante da resistência os negros à escravidão, simboliza a oposição e a combatividade do nosso povo”, arremata.



Lucas Levitan e seu caminho em zigue-zague

O artista plástico e ex-aluno do João XXIII Lucas Levitan é um homem eclético. “Gosto de ter um dedo em cada pote” e como tenho dez dedos tento aproveitá-los ao máximo”, brinca. Avesso a caminhos lineares, define sua trajetória profissional da seguinte forma: “Foi em zigue-zague. Nunca me identifiquei com uma carreira apenas. Nunca me importei em ser rotulado, pois tenho

vários. Têm dias em que sou *filmmaker*, outros, artista plástico, já fui *designer* e, no momento, estou ilustrador”. Um dos seus trabalhos mais conhecidos – singulares e bem-humoradas intervenções artísticas em fotos –, inclusive, inspirou os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental no ano letivo de 2018.

Com passagem pela faculdade de artes da UFRGS e pelo curso de publici-

dade da PUCRS, onde se formou, Lucas foi sócio da empresa e *design* “República das Ideias” e, em 2005, decidiu fazer um mestrado em artes e *design* em Londres. Lá, trabalhou nas áreas de publicidade, em projetos de filmes, documentários e ilustrações. Depois de 10 anos na Inglaterra, mudou-se para Madri, onde casou e vive hoje com a companheira e a filha.

1. Qual (is) a(s) tua(s) lembrança(s) mais marcantes(s) do período em que estudaste no João?

É incrível como a memória do tempo da Escola segue aparecendo na nossa vida atual, após 25 anos. É marcante o que acontece na nossa infância e puberdade. Muitas amizades construídas na época persistem até hoje. As palavras de alguns professores ainda ecoam no nosso inconsciente.

Lembro de um professor de Filosofia que me perguntou se os animais podem pensar. Hoje reconheço essa pergunta que Aristóteles ou Descartes teria feito. Lembro que minha resposta foi tímida, mas repercutiu internamente. Queria ter falado mais, expressado um pensamento mais complexo. Essa vontade e curiosidade gerada quando se tem 13 anos é o que eu chamo de ensinamento. Em outra ocasião, um professor de Literatura nos fez escrever poemas e foi uma das aulas mais instigantes que tive. Em aulas de francês fizemos um filme e, às vezes, me vem à mente o diálogo que havia memorizado. Eram momentos em que aprender era um processo criativo e por isso efetivo e marcante.

2. A educação que recebeste na Escola influenciou na tua arte?

Com certeza. Eu era um aluno tímido e quieto e isso não facilitava. Principalmente quando entrei no meio do primeiro grau. Me abracei no desenho e isso foi incentivado pela professora. Acabei assumindo essa identidade de 'o desenhista' da classe. Foi um caminho que me ajudou a dar confiança. Percebo agora como isso determinou quem eu sou hoje. A dificuldade de uma etapa da vida reflete hoje favoravelmente na minha profissão. Qualquer educação influencia positivamente e negativamente o nosso futuro. A relação diária que se tem com os colegas, os professores e seus métodos de ensino moldam gostos e tendências que interferem quem somos e o caminho que traçamos. O João XXIII foi importante para mostrar que crianças e jovens podem ser guiados sem autoritarismo, castigos e punições. A Escola e seus profissionais construíram um ambiente carinhoso e atencioso, características básicas para um bom ensino. Me lembro muito das aulas de música e artes. Todas as semanas lamentava não haver mais horas para essas disciplinas. O João XXIII respeitava essas áreas do conhecimento com bons professores e estímulos extra curriculares: festivais de música e pequenas exposições. E ainda queremos mais.

3. E na tua vida, de forma mais ampla (ex: escolhas, consciência crítica, comprometimento social e ambiental, paternidade, etc) qual o legado deixado pelo João XXIII?

Eu acredito que um ambiente laico, a tolerância e a compreensão com os alunos me fizeram um adulto autônomo. Hoje, do ponto de vista de um pai, tenho o João XXIII como base na busca de um colégio para minha filha. Eu agradeço à Escola pelas sementes plantadas. E que siga lutando para criar mentes livres. Foi importante receber amor e entusiasmo. Essa é a melhor forma de aprender.



O João XXIII foi importante para mostrar que crianças e jovens podem ser guiados sem autoritarismo, castigos e punições.



Ex-aluna Carol Bensimon ganha prêmio Jabuti



O romance “Os jardineiros de fumaça”, vencedor da categoria romance na 60ª edição do Prêmio Jabuti, entregue em 8 de outubro, foi descrito como “um retrato magistral da geração hippie” no site da Companhia das Letras. Sua autora, a escritora e tradutora Carol Bensimon, é ex-aluna da Escola. A obra premiada – a quarta narrativa longa de Carol – acompanha as andanças de um brasileiro em crise pessoal que se muda para a Califórnia para plantar maconha, legalizada no Estado americano.

Formada em Comunicação Social pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado em Escrita Criativa na PUC-RS, Carol vive atualmente em Mendocino, na Califórnia. Em 2009, com “Sinuca embaixo d’água”, foi uma das finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria Autor Estreante e do Prêmio Jabuti de 2010 na categoria Romance.

Carol estudou 12 anos no João XXIII e, em 2011, retornou ao Colégio como jornalista para escrever uma das reportagens da série “De volta à escola”, publicada pelo jornal Zero Hora. Na ocasião, escreveu: “era um espaço bastante democrático, e por isso as



peças viviam tendo ideias”.

Logo após a premiação, voltou a se dirigir ao João por meio de uma emocionada mensagem de solidariedade aos professores divulgada no facebook. A nota, na íntegra, é a seguinte:

“Toda minha solidariedade aos pais e aos professores que estão defendendo valores democráticos em tempos de posições extremadas e patrulhamento constante. O caso mais recente que chegou aos meus ouvidos vem da minha ex-escola, o João XXIII, onde passei toda minha vida escolar, e pelo qual sinto um enorme carinho até hoje. Por isso fico especialmente triste com o que está acontecendo.

Ninguém precisa temer uma suposta “doutrinação de esquerda” nas escolas ou censurar a manifestação de professores. A verdadeira doutrinação é a censura, a intolerância com o contraditório, a proibição do livre pensamento.

Meus colegas são hoje médicos, cineastas, funcionários públicos, engenheiros, psicólogos, escritores, empresários. De direita, de centro, de esquerda, heteros, gays, com famílias tradicionais, com filhos, sem filhos, solteiros, casados com a primeira namorada, casados pela segunda vez, que saíram numa kombi para rodar o mundo ou que trabalham há 15 anos no mesmo lugar. São exatamente o que diz o slogan atual do colégio: humanos, fortes, diversos, únicos.

A gente aprendeu a lidar com a diferença, e isso, provavelmente, foi o que nos fez muito diferentes uns dos outros.

Há pessoas que acreditam que a criança e o adolescente é uma “tela em branco”, como ouço por aí, e que portanto qualquer “ideologia” vai grudar na cabeça do aluno. Ora, por favor. Isso só demonstra uma enorme falta de confiança na capacidade crítica dos jovens.

Acredite: eles são muito melhores do que isso. Desenvolver a capacidade crítica, aliás, deveria ser a primeira missão de qualquer escola.”





Arte no muro

A arte e o verde ultrapassaram os muros da Escola. Ou melhor: invadiram. O primeiro passo deste projeto – organizado e articulado pela laboratorista da Escola, Juliete Claro e as professoras regentes do 3º ano – foi o plantio vertical, feito pelas crianças. Num segundo momento, durante a Mostra Cultural, a parede 729 m2 deixou de ser branca, dando lugar a todas as cores do arco-íris, que coloriram os grafites feitos pelos artistas Jackson Brum, Felipe Reis, Ítalo Holie, Willian Caoni e Alan Space. Também participaram os profissionais do setor de Manutenção do Colégio e os jardineiros Jorge da Silva Bueno e Isaías Vieira da Cunha.

O plantio fez parte do componente curricular Ciências e Educação Ambiental do 3º ano. A grafiteagem, por sua vez, é um desdobramento do projeto interdisciplinar “Intervenções urbanas”, desenvolvido nas aulas de Arte, Artes Cênicas e Língua Inglesa do 5º ano. A revitalização do muro congrega a área pedagógica e o Comitê Socioambiental, formado por profissionais e pais da escola.

Responsável pelo projeto do grafite, a professora de Arte, Clarisse Normman escreveu em seu facebook: “É o Colégio João XXIII levando a arte para além dos muros! O grafite traduzindo a essência da nossa escola!”



HUMANO, FORTE, DIVERSO,
ÚNICO



MATRÍCULAS E MENTES **ABERTAS**

matriculas.joaoxxiii.com.br

Confira as edições anteriores do **Fala, João** em:

fala.joaoxxiii.com.br

